

**A busca pelo sentido em Psicologia Transpessoal:
a espiritualidade como dimensão constitutiva humana**
**The search for meaning in Transpersonal Psychology:
spirituality as a human constitutive dimension**

Felipe Ribeiro Cazelli¹

RESUMO

A Psicologia Transpessoal é uma abordagem em Psicologia que se constrói sobre uma compreensão de ser humano que considera como constitutiva da psique a dimensão da espiritualidade. O objetivo do presente artigo é explicitar os pressupostos dessa visão, com base em uma análise bibliográfica e dialógica das influências que esse paradigma recebe do pensamento de dois de seus precursores: Abraham H. Maslow e Carl G. Jung. Ambos concordam que o ser humano tende à saúde, que pode ser realizada quando o indivíduo se lança à transcendência, que preenche a vida humana de sentido. Assim, a Psicologia Transpessoal se mostra como uma perspectiva que, através da experiência da espiritualidade, auxilia o indivíduo no alcance da autorrealização, possibilitando uma vida realizada e feliz.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia Transpessoal; Espiritualidade; Transcendência; Sentido.

ABSTRACT

The Transpersonal Psychology is an approach in Psychology that builds itself over the comprehension of the human being that considers the dimension of spirituality as constitutive of the psyche. The objective of this article is to make explicit the assumptions of this vision, based on a dialogical bibliographical analysis of the influence that this paradigm receives from two of its precursors: Abraham H. Maslow and Carl G. Jung. Both of them agree that the human being tends to health, which can be achieved when the individual reaches to transcendence, that fulfills human life with meaning. Therefore, Transpersonal Psychology shows itself as a perspective that, through the experience of spirituality, helps the individual to reach self-actualization, enabling a realized and happy life.

¹ Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV). Especialização em Filosofia Clínica e Docência no Ensino Superior pelo Instituto Vale do Cricaré (IVC). Especialização (em andamento) em Psicologia Transpessoal pela UNYLEYA. Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2008). Docente do Centro de Ensino Superior de Vitória (CESV) nas disciplinas Filosofia e Metodologia da Pesquisa Científica.

KEYWORDS

Transpersonal Psychology; Spirituality; Transcendence; Meaning.

Introdução

A Psicologia, enquanto ciência independente, data do final do século XIX e, desde seu surgimento, dividiu-se em múltiplas vertentes e abordagens que se diferenciam entre si principalmente pela forma como percebem o funcionamento da mente e, em seguida, por aquilo que acreditam ser importante para o desenvolvimento de uma vida psiquicamente saudável. Em meados do século XX, alguns pesquisadores da Psicologia colocavam o homem e suas vivências no centro da discussão psicológica, a partir de uma visão que integrava, na Psicologia, contribuições das filosofias de ordem fenomenológica e existencialista. Essas vertentes ficaram conhecidas, primeiramente, como Psicologia Humanista, para, num segundo movimento, integrar a dimensão da espiritualidade em sua abordagem, daí surgindo a Psicologia Transpessoal.

Este artigo tem como objetivo principal investigar os pressupostos que dão origem à Psicologia Transpessoal, bem como explicitar a dimensão da espiritualidade e do sagrado como busca fundamental para a realização da saúde psíquica humana, a partir dessa referida abordagem. Parte-se do seguinte problema: como a visão da Psicologia Transpessoal percebe, tematiza e integra a espiritualidade em sua proposta de compreensão do sujeito e da psique? Em decorrência dessa pergunta, surge outra: a partir de que princípios, fundamentos e influências essa teoria constrói seu paradigma acerca da necessidade humana de transcendência? Ao responder a tais perguntas, espera-se descortinar a abordagem Transpessoal a partir desse seu elemento distintivo, ou seja, desde uma percepção de que outras importantes escolas de Psicologia não tematizam a espiritualidade como algo relevante, muito menos necessário para o desenvolvimento e autorrealização humana.

Para atingir o objetivo proposto, a metodologia adotada foi a revisão bibliográfica, considerando a literatura especializada específica de Psicologia Transpessoal, bem como de suas principais influências; particularmente, dois pensadores fundamentais para o desenvolvimento do paradigma exposto, em especial quando se faz referência à espiritualidade e à transcendência: Abraham H. Maslow e Carl G. Jung. Partindo de uma condução dialógica, os conceitos básicos foram apresentados e articulados entre si, na busca por demonstrar, de forma coerente e coesa, de que maneira a dimensão da transcendência, presente na obra de Maslow e Jung, é formativa na visão Transpessoal, seja no âmbito teórico, seja na prática psicoterapêutica.

A primeira parte concentra-se na figura de Abraham H. Maslow, contrapondo suas ideias a outras duas teorias psicológicas que lhe são anteriores, o Behaviorismo e a Psicanálise. Seu posicionamento é marcadamente construído a partir de uma crítica a essas outras duas visões. Com relação ao Behaviorismo, Maslow critica seu apego excessivo ao método científico positivista moderno, de cunho fortemente materialista e tendência a compreender o homem como uma máquina. Em se tratando da Psicanálise, a crítica gira em torno da visão psicanalítica de ser humano como inevitavelmente enfermo, cuja constituição estaria eternamente cindida entre seus impulsos básicos e a impossibilidade de realizá-los. Para Maslow, a experiência humana vai além disso: ela é também transcendência e espiritualidade.

A segunda parte expõe o pensamento de Carl G. Jung. Trata de seu conceito fundamental de “processo de individuação”, que representa um caminho natural da psique em direção ao *Self*, que é o arquétipo, no inconsciente coletivo, que simboliza a totalidade do indivíduo. Assim, buscou-se chegar à compreensão de como Jung pensa as possibilidades de autorrealização humanas, a partir da integração, pelo eixo ego-*Self*, de conteúdos conscientes e inconscientes, através do que ele chamou de *função transcendente* da consciência, que, dentro de sua visão, é essencialmente religiosa.

A terceira parte aborda, a partir do que foi exposto nos anteriores, os temas fundamentais de Psicologia Transpessoal e o que torna essa corrente psicológica tão diferente das outras e tão conectada com as necessidades do homem contemporâneo. Considerando as contribuições de Maslow e Jung, o objetivo foi deixar claro que não apenas ambos os pensadores convergem em muitos pontos, apesar das naturais e pequenas divergências que podem ser identificadas entre eles, mas também que é nos pontos em que eles concordam que a Psicologia Transpessoal assenta seus alicerces, constituindo-se tendo como pressupostos as mesmas ideias de espiritualidade e transcendência presentes tanto em Maslow quanto em Jung.

Espera-se, com este trabalho, contribuir para o esclarecimento e a divulgação da abordagem Transpessoal, em especial naquilo que ela de melhor tem para oferecer: uma visão positiva da humanidade, fundamentada no sagrado, que tem potencial para possibilitar a autorrealização, conduzindo os indivíduos a uma existência mais feliz e carregada de sentido.

1. Maslow e a crítica à psicanálise

Abraham Harold Maslow foi um importante psicólogo estadunidense, filho de imigrantes judeus russos. É considerado o fundador da chamada “terceira corrente” da Psicologia, a Humanista. É também tido como um dos mais destacados precursores do movimento Transpessoal na Psicologia. Apesar disso, é importante que se diga, a Psicologia Transpessoal não é concentrada no trabalho de Maslow, pois, segundo nos ensina Tabone, “o movimento transpessoal é o único que não tem um líder carismático”². Isso significa dizer que as outras correntes de Psicologia se encontram acentuadamente vertidas sobre a figura de um “líder”, aquele que propôs as ideias fundamentais daquela “escola”. A Psicanálise é de Freud (ou de Lacan), a Psicologia Analítica é de Jung, assim como a Abordagem Centrada na Pessoa é de Rogers e a Logoterapia, de Frankl. A Psicologia Transpessoal, por sua vez, lança mão das contribuições de várias áreas, constituindo uma Abordagem Integrativa Transdisciplinar³, por integrar diferentes conhecimentos vindos de diversas disciplinas.

Tendo essas informações em mente, é possível buscar a compreensão da importância do trabalho de Maslow para a Psicologia Transpessoal, entendendo suas principais contribuições. Para atingir esse objetivo, porém, é necessário primeiro explicitar sua caminhada pelas correntes de Psicologia mais em evidência em sua época, bem como entender alguns dos principais aspectos desse *zeitgeist*, ou seja, do contexto no qual ele estava inserido, seja do ponto de vista

² TABONE, Marcia. *A psicologia transpessoal: introdução à nova visão da consciência em psicologia e educação*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 100.

³ SALDANHA, Vera; ACCIARI, Arlete S. *Abordagem integrativa transpessoal: psicologia e transdisciplinaridade*. São Paulo: Inserir, 2019.

sociocultural ou acadêmico-científico. Isso porque Maslow é contemporâneo de uma importante transformação no comportamento humano, com o qual dialoga diretamente: de um lado, o questionamento ao paradigma científico clássico, proposto na modernidade, fundado num materialismo estrito; de outro, como posicionamento contrário a uma crescente visão pessimista acerca do ser humano, alimentada pelos grandes conflitos do século XX, incluindo as duas Grandes Guerras, e que se encontrará presente também na Psicologia, é possível acompanhar uma busca por uma transformação da consciência, rumo a estados mais elevados do Ser. Essa busca chegou a ser chamada por Marilyn Ferguson de “conspiração”, que ela caracteriza da seguinte maneira:

Mais ampla do que uma reforma, mais profunda do que uma revolução, essa conspiração benigna a favor de uma nova ordem deflagrou o mais rápido realinhamento cultural da História. O grande sobressalto, a mudança irrevogável que nos está empolgando, não é um novo sistema religioso, político ou filosófico. É uma nova mentalidade – a ascendência de uma surpreendente visão do mundo que reúne a vanguarda da ciência e visões dos mais antigos pensamentos registrados.⁴

É possível dizer que Maslow se encontra inserido nessa “conspiração” por participar de ambas as frentes: de um lado, questiona a Psicologia behaviorista, comportamental, que buscava se enquadrar ao paradigma científico da modernidade, encarando o ser humano como um mecanismo objetivo; de outro, questiona a Psicanálise freudiana, por sua ótica pessimista da psique humana. A visão excessivamente materialista produzida pela Psicologia behaviorista levava, ainda que indiretamente, a uma negação das dimensões transcendentais da experiência humana. Isso porque tais dimensões não são “mensuráveis” ou passíveis de “objetificação” de acordo com as exigências do método científico. De maneira que uma das principais contribuições de Maslow para a Psicologia Transpessoal é a busca pelo estudo das experiências que se encontram para além do alcance do estritamente científico, em especial as que se relacionam com a espiritualidade. Nas palavras de Pierre Weil:

O nosso problema, em Psicologia Transpessoal, é de investigar com os métodos da ciência tradicional, cujo paradigma [...] é todo baseado nos cinco sentidos, um fenômeno que não somente parece se situar numa área fora deles, mas ainda parece pressupor o seu desligamento.⁵

Entretanto, se por um lado o Behaviorismo não ataca diretamente a espiritualidade, o mesmo não pode ser dito da Psicanálise de Freud. Para Freud, toda manifestação religiosa é doentia, é “neurótica”, sintoma de uma falta de maturidade das pessoas em geral, que precisa e será superada tão logo consigamos, enquanto civilização, superar as fantasias delirantes e as perniciosas ilusões típicas do pensamento infantil. A teoria psicanalítica ensina que, na formação da pessoa, no seu desenvolvimento enquanto bebê, desde o nascimento, o sujeito encara uma série de questões que envolvem o *estar no mundo*. A partir daí, a mente cria uma instância denominada de *ego*, núcleo identitário da consciência. Quando a pessoa passa por experiências

⁴ FERGUSON, Marilyn. *A conspiração aquariana: transformações humanas e sociais no final do século XX*. 13 ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003. p. 23.

⁵ WEIL, Pierre. *A consciência cósmica: introdução à psicologia transpessoal*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 22.

consideradas nocivas pelo ego, ele as ignora, preferindo não tomar conhecimento delas. Quem as registra, por consequência, é o inconsciente.

Começa então o conflito entre o ego (consciente) e o inconsciente, que gera uma situação na qual o sujeito muitas vezes assume uma certa atitude mental em que constrói um mundo ilusório, fantástico – uma quimera – dentro do qual seu desejo é onipotente no controle da realidade. Essa postura é alimentada pela necessidade de colocar um limite, uma proibição naquilo que, ao mesmo tempo, conduz à satisfação. A prática da religião, assim, se torna, sob a visão de Freud, uma manifestação de neurose, de maneira semelhante à do comportamento obsessivo, aquele que acredita que a mente tem o poder mágico de controlar a realidade externa, desde que determinadas condutas sejam postas em prática. Michael Palmer esclarece:

Na religião, isso é visto primordialmente no uso do ritual como defesa contra as tentações advindas dos instintos e também como proteção contra a punição divina por tê-los. Nesse sentido, a onipotência dos pensamentos e as práticas dela advindas traem uma atitude emocional ambivalente – a saber, a proibição de um desejo [...]. Por conseguinte, todos os rituais religiosos configuram-se como expressões do remorso e como tentativas de reparação pela reexperiência presente de algo ocorrido no passado.⁶

Maslow não desvalorizava a Psicanálise, muito pelo contrário. Considerava-a “o melhor sistema de compreensão psicopatológica e de psicoterapia disponível”⁷ em sua época. Tinha, contudo, a visão de que a teoria freudiana se encontrava excessivamente voltada para a parte “doente” do ser humano, sem levar em conta também a existência de aspectos saudáveis, em especial aqueles que auxiliam na construção de um sentido para as vivências cotidianas. Na visão de Maslow, a saúde era o estado natural humano, como um caminho que a psique iria percorrer, necessariamente, em direção ao que ele chamou de “autorrealização”. Seria justamente o impedimento da livre jornada das energias psíquicas no sentido desse estado de plenitude o que produziria o adoecimento do indivíduo. Nas palavras de Saldanha:

Abraham Harold Maslow acrescentou e reconheceu na Psicologia, além da pulsão de vida e de morte, a natureza transcendental, quando explicitava que esse impulso à transcendência é inerente ao ser humano, o qual, quando reprimido, adoeece. Denominava-o como um aspecto “instintóide”, que é desejável, curativo, e que, sem o transcendente, ficaríamos doentes, violentos e niilistas, vazios de esperança e apáticos.⁸

Assim, apesar de reconhecer o valor da Psicanálise, Maslow a considera insuficiente para dar conta da totalidade das possibilidades de vivências humanas, bem como na compreensão de suas mais diversas dinâmicas psíquicas. Isso porque ela havia “descoberto a metade enferma do ser humano”, cabendo “a uma nova Psicologia evidenciar a outra metade saudável”⁹. E essa “nova Psicologia” seria justamente a Transpessoal. A ideia que Maslow traz a essa nova abordagem, conforme dito anteriormente, é a de que o indivíduo adoeece quando tenta conter ou controlar os impulsos inconscientes considerados infantis, utilizando as experiências inconscientes

⁶ PALMER, Michael. *Freud e Jung sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 48.

⁷ SALDANHA, Vera. *Psicologia transpessoal: abordagem integrativa: um conhecimento emergente em psicologia da consciência*. Ijuí: Unijuí, 2008, 2008. p. 63.

⁸ SALDANHA, 2008, p. 68.

⁹ SALDANHA, 2008, p. 77.

para diminuir o poder ameaçador de tais conteúdos, obscurecendo-os simbolicamente. Nesse ponto, ele concorda com o apontado por Freud. Sua discordância se dá no ponto em que ele acredita que, ao conduzir as forças mentais dessa maneira, o indivíduo se fecha igualmente para os aspectos positivos dos conteúdos inconscientes, como a criatividade, a fantasia, a arte e o romance.

Enquanto Freud considera tais aspectos da vida humana como “pueris”, aspectos de experiências infantis que não encontrariam lugar na vida adulta, Maslow, por sua vez, propõe que tais aspectos são absolutamente necessários ao desenvolvimento saudável da vida psíquica humana, sem os quais ela fica incompleta, mutilada, enferma. Esse estado adoecido da mente se instala porque lhe foi negada sua dimensão transcendente, manifestação de porções superiores do inconsciente, a parte que é chamada de “transpessoal”. Conforme ensina Saldanha:

Observa-se, assim, que há não só uma dimensão inconsciente mais primitiva, arcaica, não elaborada, mas há também uma dimensão superior, inconsciente, que abrange uma cognição mais elaborada; superior; perceptiva; sábia; adequada e transpessoal, característica de um processo superior diferenciado, a qual é passível de ser estimulada e acessada, sob certas circunstâncias, ou manifestar-se espontaneamente.

A poética, as metáforas e as artes, dessa forma, favorecem o acesso não só ao inconsciente mais instintivo e impulsivo, relacionado ao processo primário da concepção freudiana, mas também aspectos diferenciados superiores relacionados ao processo denominado terciário, regido pelo princípio da transcendência, não presentes na consciência ordinária, mas identificados pelo olhar da abordagem transpessoal na Psicologia, a qual insere os diferentes estados de consciência e possibilita essa percepção mais ampla da realidade e da natureza humana, bem como sua aplicação.¹⁰

É possível dizer, com isso, que o foco que a Psicologia Transpessoal dá à dimensão da transcendência, que se relaciona às experiências do Sagrado e à Espiritualidade, encontra um de seus pilares em Maslow. Mas ele não foi o único a apontar para a importância dessa visão na saúde psíquica dos indivíduos.

2. Jung e o processo de individuação

De forma semelhante a Maslow, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung também é fundador de uma escola de Psicologia, a Psicologia Analítica, ao mesmo passo em que fornece profundas contribuições para o paradigma transpessoal. Nesta parte, discutimos algumas dessas contribuições, em especial aquelas que possuem relação com uma visão da religiosidade humana, seu aspecto espiritual e transcendente que, na visão de Jung, também é um elemento constitutivo da vivência do indivíduo e está relacionado com um movimento natural da consciência.

Pode-se perceber que, quando a abordagem transpessoal é apresentada, é comum a divisão da investigação psicológica sobre as potencialidades e possibilidades humanas em dois eixos: um horizontal, representando o aspecto experiencial da consciência, e um vertical, representando seu aspecto evolutivo. Podemos encontrar essa divisão, por exemplo, tanto no prefácio

¹⁰ SALDANHA, 2008, p. 83.

que Roberto Crema escreve para o livro de Saldanha e Acciari quanto na apresentação que José Fonseca Filho escreve para o livro de Bertolucci.¹¹ Nas palavras de Crema:

O eixo experiencial é constituído pelas funções psíquicas, componentes do desenvolvimento psicoespiritual na Abordagem Integrativa Transpessoal, com o intento de integrá-las: a razão, a emoção, a intuição e a sensação. Enquanto o eixo evolutivo caracteriza-se pelos estados de consciência, que se expandem na direção ascendente e na descendente que, com o impulso das metanecessidades, da pulsão à transcendência, da espiritualidade e da sacralização da vida, objetiva-se um nível superior de consciência, de onde jorram valores positivos e construtivos, no processo de individuação por meio de um fluxo energético psíquico que integra o movimento paradoxal *ego-Self*.¹²

Existem dois pontos fundamentais a serem tratados aqui acerca da influência de Jung. O primeiro diz respeito à divisão das funções psíquicas em quatro. Tal divisão remete diretamente à obra *Tipos Psicológicos*, publicada originalmente por Jung em 1921. Nela, o pai da Psicologia Analítica apresenta sua concepção das quatro funções, de forma direta: “Segundo minha experiência, as funções básicas, ou seja, as funções que se distinguem genuína e essencialmente de outras funções, são: o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição”.¹³

Assim, a despeito de uma terminologia ligeiramente diferente, é possível perceber a nítida relação entre as perspectivas. Entretanto, por se tratarem de características relativas ao eixo horizontal, os tipos psicológicos não são objetos do presente trabalho. O interesse aqui é descortinar os elementos que se encontram no eixo vertical, uma vez que são eles que se relacionam à dimensão da espiritualidade e da transcendência. O que leva ao segundo ponto relevante da citação de Crema, na qual é possível apontar para dois conceitos cujas raízes também podem ser buscadas na Psicologia Junguiana: a individuação e a estrutura *ego-Self*.

A individuação é uma das ideias mais fundamentais elaboradas por Jung em toda a sua visão da psique humana. Trata-se de um *sentido* para o qual se orienta a energia psíquica, como um processo contínuo, um “caminho rumo à totalidade, trilhado naturalmente pela psique, ou seja, é um processo que faz parte da própria constituição da mente humana, que o promove desde que esteja saudável”¹⁴. Numa compreensão bem próxima à de Maslow, Jung também entende que o adoecimento se relaciona com o impedimento do livre fluir da energia psíquica em direção ao que ele chama de “totalidade”, que representa a união de partes separadas da constituição psíquica em uma instância superior, que integra os conteúdos conscientes e inconscientes, chamada por Jung de *Self*.

É interessante perceber que, no Brasil, também é apresentada uma ideia de Maslow através do conceito de “individuação”, que poderia advir de uma influência de Jung ou poderia ser mera coincidência. Um olhar mais atento, porém, revela que a coincidência entre os termos deriva de uma questão de tradução. Quando a obra de Maslow intitulada *Toward a Psychology of Being*¹⁵ foi publicada pela primeira vez no Brasil, em 1968, ela recebeu o título em português

¹¹ BERTOLUCCI, Eliana. *Psicologia do sagrado: psicoterapia transpessoal*. 3 ed. São Paulo: Ágora, 1991. p. 9.

¹² SALDANHA; ACCIARI, 2019, p. 10.

¹³ JUNG, Carl G. *Tipos psicológicos*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 20-21.

¹⁴ CAZELLI, Felipe R. IMAGO DEI: Deus como arquétipo do inconsciente coletivo em C. G. Jung. *Reflexus*, Vitória, ano XIV, n. 23, p. 131-152, 2020/1. p. 138.

¹⁵ MASLOW, Abraham H. *Toward a psychology of being*. 2 ed. New York: D. Van Nostrand Company, 1968b.

de *Introdução à Psicologia do Ser*. No prefácio da obra, o tradutor tomou a liberdade de traduzir o termo “self actualization”, em inglês – que, literalmente, diz “autoatualização” –, para “individuação”¹⁶ em português, criando aí a confusão com o termo junguiano. O conceito de Maslow é expresso por Saldanha da seguinte maneira:

Auto-atualização ou individuação, segundo Abraham Harold Maslow, apresenta o ser humano no ápice de seu desenvolvimento. Ao final de sua obra expurgou a conotação estática referente aos estados do “ser”, evidenciando que a experiência de “puro ser” pode promover um novo “vir-a-ser”. Redefine assim, individuação como um “avanço” na aglutinação [sic] dos poderes da pessoa, representando um episódio eficiente e agradável em sua vida.¹⁷

É possível perceber, com isso, que a confusão não leva a graves consequências, uma vez que ambas as visões apontam para experiências semelhantes, no sentido da busca por dimensões superiores do Ser, em direção à totalidade de si e à realização de uma vida plena. Talvez a principal diferença entre ambos seja apenas uma questão das distintas *cartografias da consciência* nas quais cada pensador fundamenta sua visão da psique. A semelhança entre os conceitos pode ser percebida na apresentação que Grinberg faz da visão que Jung propõe:

Pode-se afirmar que em nosso caminhar pela vida existe uma intencionalidade, um objetivo a ser alcançado: o da realização da totalidade individual, com a integração de todos os aspectos de nossa personalidade originária. A esse processo, o pilar de sustentação de toda a nossa busca, Jung denominou *individuação*, termo que significa tornar-se um “indivíduo”, aquele que não se divide. Implica tornar-se *si-mesmo*, ou seja, aquilo que de fato somos.¹⁸

O processo de individuação, na visão junguiana, parte do pressuposto de que nossa energia psíquica possui um *télos*, ou seja, uma finalidade, um caminho, um objetivo, em uma palavra: um *sentido*. A realização desse sentido seria um processo *natural* e qualquer coisa que o impeça, motivo de adoecimento. A realização desse processo se dá sob orientação do *Self*, o arquétipo da totalidade. Como o objetivo do processo de individuação é atingir a totalidade, isso significa, dentro da Psicologia Junguiana, que existe um “eixo ego-*Self*”, ou seja, uma ligação entre essas duas instâncias psíquicas, de forma que a instância superior possa guiar a inferior em direção a ela mesma, visando a autorrealização do sujeito. Essa ligação é responsável pelo trânsito da energia psíquica, ora em direção ao ego – a consciência –, ora em direção ao *Self* e aos conteúdos inconscientes.

O trânsito da energia psíquica de um polo a outro é operacionalizado pelo *símbolo*, definido aqui como “um suporte físico que atualiza, em formas e imagens, um conteúdo do inconsciente coletivo; é uma ‘encarnação’ do arquétipo”.¹⁹ As expressões simbólicas humanas seriam, portanto, as responsáveis por estruturar o eixo ego-*Self* e garantir o fluxo energético psíquico que une os conteúdos conscientes e inconscientes numa totalidade, no indivíduo indivisível. Jung chama esse fluxo energético de *função transcendente da psique*.²⁰ Sobre ela, disserta Grinberg:

¹⁶ MASLOW, Abraham H. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1968a.

¹⁷ SALDANHA, 2008, p. 73.

¹⁸ GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung: o homem criativo*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003. p. 176.

¹⁹ CAZELLI, 2020, p. 139.

²⁰ JUNG, Carl G. *Espiritualidade e transcendência*. Seleção e edição de Brigitte Dorst. Petrópolis: Vozes, 2015.

Função da psique que espontaneamente produz a união dos opostos. O que propicia essa união de maneira equilibrada é o símbolo, elemento comum aos sistemas consciente e inconsciente. A união dos opostos permite a transição de uma atitude psicológica para outra sem que haja perda do material inconsciente. Sua intencionalidade diz respeito à possibilidade de ir além (transcender) de um conflito sem cair na parcialidade.²¹

Ir além, transcender, é o que dá à função transcendente o seu nome. Também é o que atribui a ela uma característica de “espiritualidade”, da forma como a Psicologia Transpessoal a entende. Nessa perspectiva, a ideia de espiritualidade não tem a ver necessariamente com as religiões institucionalizadas, mas com um conceito mais abrangente de religiosidade, que envolve, além do relacionamento com forças percebidas como “transcendentes” porque estão para além da compreensão e controle da consciência, também um conhecimento maior de si mesmo, com uma melhora nas relações com os outros e com o ambiente, produzindo interseções mais saudáveis com seu entorno, numa vida plena e realizada. Ao falar sobre a diferença entre religião e espiritualidade, Saldanha e Acciari explicam:

Na Abordagem Integrativa Transpessoal, é explícita a distinção entre espiritualidade e religião. A religião relaciona-se à prática pública, institucionalizada e dogmática, e a espiritualidade não se atém aos dogmas; integra o organismo ao meio, o racional, o emocional e o social, com a clareza de que não estão separados, gerando altruísmo, cuidado ético consigo e com o outro como decorrência natural.²²

Essa distinção remete diretamente à que Jung faz entre “religião” e “confissão religiosa”. O que ele chama de “confissão religiosa” seria justamente a parte institucionalizada da vivência religiosa, estruturada sobre rígidos dogmas inquestionáveis e condicionados a um contexto restrito a uma denominação religiosa. Por outro lado, Jung chama de “religião” uma dinâmica do espírito humano, de consideração, observação e relacionamento com forças que são percebidas como existindo além de seu controle. Nas palavras do próprio Jung:

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: *religio*, poderíamos qualificar a modo de uma *consideração e observação cuidadosas* de certos fatores dinâmicos concebidos como “potências”: espíritos, demônios, deuses, leis, ideias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio, a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados.²³

Essas “potências” são expressões arquetípicas e, portanto, estão presentes no inconsciente coletivo. Por isso, podem ser vivenciadas como realidade psíquica. A *atitude religiosa*, assim, seria essa que observaria cuidadosamente essas expressões, essas imagens arquetípicas, percebendo nelas os símbolos da transformação, aqueles veículos de realização da função transcendente da psique que, por isso, também pode ser chamada de função *religiosa*.²⁴ É através dela

²¹ GRINBERG, 2003, p. 225.

²² SALDANHA; ACCIARI, 2019, p. 35.

²³ JUNG, Carl G. *Psicologia e religião*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

²⁴ CAZELLI, 2020, p. 144.

que o ser humano alcançaria sua totalidade, sua integridade e, conseqüentemente, sua autorrealização. Esse é o processo de individuação, sob a perspectiva junguiana.

3. Espiritualidade e a busca pelo sentido na psicologia transpessoal

Diante do exposto anteriormente é possível perceber que, estando estruturada sobre os pensamentos de importantes psicólogos, como Maslow e Jung, a Psicologia Transpessoal parte de uma visão que é, até certo ponto, comum a eles. Essa visão afirma uma “saúde natural” da psique em contraposição ao estado irremediavelmente doente, “neurótico”, de abordagens como a Psicanálise. Aponta também para uma dimensão de *transcendência* na experiência humana como necessidade constitutiva do ser, que produz patologias não quando é aceita, abraçada e praticada, senão muito pelo contrário: é sua negação que impede o fluxo saudável da energia psíquica rumo à autorrealização do sujeito.

Numa perspectiva geral, compreende-se essa visão como uma resposta às limitações do método científico tradicional e seu paradigma excessivamente materialista, que surgiu na modernidade, foi dominante durante pelo menos três séculos e ainda exerce grande influência na sociedade contemporânea. A visão transpessoal, seguindo em direção oposta, busca perceber a vivência humana desde um entendimento de sua totalidade, e não a partir de um olhar parcial. Como bem coloca Bertolucci:

É necessário recuperar a perspectiva de totalidade sobre o fenômeno psíquico e sobre o ser humano de modo geral e dar continuidade ao conhecimento da natureza da consciência humana para além do pensamento lógico-formal. Para isso precisamos, a nosso ver, recuperar o sentido das experiências humanas em todas as suas manifestações.²⁵

Assim, da forma como a Psicologia Transpessoal se constrói, seja enquanto proposta teórica de compreensão do funcionamento da mente – ou mesmo como uma antropologia filosófica, ou seja, uma forma de se enxergar o ser humano, suas vivências, necessidades e possibilidades –, seja como referencial para o trabalho em psicoterapia clínica, uma das questões mais fundamentais é a dimensão da espiritualidade, como marca distintiva dessa que foi, dentre as diversas abordagens da psique em Psicologia, a primeira que considerou “a espiritualidade como uma dimensão natural da constituição humana e incluí-la como um fator relevante no funcionamento psicológico do ser humano, e por consequência, nas ações de cuidado psíquico”²⁶.

A Abordagem Transpessoal se torna, assim, referência em dois sentidos: o primeiro é em sua perspectiva de transdisciplinaridade, característica da teoria que não se encontra fechada em si mesma, mas dialoga com diversas outras disciplinas, extraindo de cada uma delas o que quer que seja interessante para a consecução de seus objetivos. Essa perspectiva leva ao outro diferencial da Psicologia Transpessoal que é sua abertura à possibilidade de estados elevados de consciência, que *transcendem* o ego ordinário, e onde podem ser encontrados os elementos para a individuação ou autorrealização. É justamente nesses estados ditos “superiores” que o indivíduo pode encontrar sua própria totalidade, tornando-se quem se é de verdade.

²⁵ BERTOLUCCI, 1991, p. 18.

²⁶ SALDANHA; ACCIARI, 2019, p. 22.

Essa experiência do contato com essas outras formas de consciência é expressa por Bertolucci da seguinte maneira:

Existe no ser humano a possibilidade de viver um estado superior (ou estados superiores) de consciência onde ela se encontra em estado original, puro, e onde o vazio é ao mesmo tempo a origem e criação de todas as existências possíveis. Vivências nesse nível diferem muito de um indivíduo para o outro, pois, embora a capacidade de consciência seja ilimitada, a consciência da infinitude não nos abre diretamente para o infinito, mas abre possibilidades e revela uma amplitude inédita, outras faces, prismas da realidade, e valoriza diferentemente nossas vivências cotidianas. O que as permite caracterizar são os depoimentos dos sujeitos acerca do desvelamento de aspectos inéditos e maravilhosos da realidade, difíceis de serem expressos em palavras e que, para os sujeitos, situam-se além de toda e qualquer experiência vivida até então. A partir dessas vivências, as pessoas mudam muitas vezes radicalmente a visão de mundo e passam por importantes modificações em suas formas de viver a vida²⁷.

O que se está a dizer é que a abertura para esses outros estados de consciência, chamados por Pierre Weil de “consciência cósmica”, é responsável por produzir no sujeito uma nova forma de compreensão de si e da maneira como se conduz a própria vida. Em outras palavras, essa experiência dá ao indivíduo a possibilidade de preencher sua vida de *sentido*. É parte da noção relegada à Psicologia Transpessoal por Maslow e Jung a visão de que viver uma vida plena de sentido é uma *necessidade* humana. Sobre a dimensão do sentido para a vida humana, o psiquiatra austríaco Viktor Frankl, outro pensador que também influenciou a abordagem transpessoal, oferece um importante ensinamento, fruto não apenas de sua experiência profissional, mas também a partir de sua experiência pessoal num campo de concentração nazista:

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria *vontade* de sentido. Alguns autores sustentam que sentidos e valores são “nada mais que mecanismos de defesa, formações reativas e sublimações”. Mas, pelo que toca a mim, eu não estaria disposto a viver em função dos meus “mecanismos de defesa”. Tampouco estaria pronto a morrer simplesmente por amor às minhas “formações reativas”. O que acontece, porém, é que o ser humano é capaz de viver e até de morrer por seus ideais e valores!²⁸

É a partir dessa ideia, de que a vontade de sentido é intrínseca ao homem, ou seja, de que existe uma necessidade de transcendência, de espiritualidade no homem, que se encontra intimamente relacionada com seus ideais e valores e que é dessa relação que ele extrai o sentido para a sua existência, que a Psicologia Transpessoal apresenta sua visão de psicoterapia, de cura das enfermidades psíquicas. Nesse contexto, dizer “transcendência” ou “espiritualidade” é a mesma coisa, ambos os termos fazendo referência à possibilidade de atingir aquilo que foi chamado, conforme dito anteriormente, de “consciência cósmica”. A respeito do significado desse conceito, Pierre Weil ensina:

²⁷ BERTOLUCCI, 1991, p. 22.

²⁸ FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. 46. ed. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 124-125.

O termo traduz uma experiência em que determinadas pessoas percebem a unidade do Cosmos, se percebem dentro dela (e não fora, como muitos poderiam imaginar); a experiência é acompanhada de sentimentos de profunda paz, plenitude, amor a todos os seres. Compreende-se de um relance o funcionamento e a razão de ser dos universos, a relatividade das três dimensões do tempo e do espaço, a insignificância e ilusão do mundo em que vivemos, os erros monumentais cometidos por muitos seres humanos; uma iluminação acompanha muitas dessas percepções. A morte é vista apenas como uma passagem para outra espécie de existência e o medo dela desaparece totalmente. Ela pode ser e é, em geral, o resultado de uma longa e lenta evolução; às vezes, no entanto, ela constitui o início de uma profunda transformação no sentido dos valores mais elevados da humanidade; neste último caso ela acontece em momento inesperado²⁹.

Pode-se perceber que os benefícios a serem colhidos do estado de consciência cósmica não estão restritos ao âmbito do sujeito, mas, apesar de ser uma transformação que ocorre na consciência individual, é imprescindível compreender o indivíduo como alguém que se encontra inserido numa sociedade e cuja subjetividade, ela mesma, é composta das experiências que são colhidas e elaboradas a partir da inescapável realidade do *outro*. Ou seja, estamos constantemente em contato uns com os outros, produzindo nossa subjetividade de forma intersubjetiva. Assim, uma mudança na consciência de um indivíduo representa uma conquista para toda a sociedade, para a humanidade como um todo.

É por isso que a Psicologia Transpessoal, além de ser uma busca pelo cuidado de si e do outro, também coloca em questão uma transformação no âmbito cultural e social. Para Tabone, o movimento transpessoal faz parte de uma nova “cultura” que emerge na contemporaneidade e que “propõe a renovação social através da modificação da consciência individual e coletiva; a ascendência de uma nova mentalidade dentro da cultura antiga; a aglutinação de uma nova ordem social”³⁰. Para que se possa atingir essa “nova ordem”, essa nova consciência mundial, é necessário que se proceda à ressacralização do mundo, que representa o resgate dos valores simbólicos e do *sentido* das experiências e vivências humanas. É o que aponta Maslow quando critica uma determinada dinâmica observada em nossa sociedade:

Muito da hipocrisia da sociedade, dos pais e educadores é, segundo [Maslow], responsável por esse mecanismo no indivíduo, sobretudo nos jovens, de reduzir a pessoa a objeto concreto, negando-se a perceber seus valores simbólicos, ou a vê-la como eterna. A plena realização supõe abordar esse mecanismo e aprender a ressacralizar³¹.

Faz parte dos sintomas do nosso tempo, especialmente a partir do paradigma científico que se tornou predominante, a atribuição de uma atenção exagerada aos aspectos mais racionais dos saberes humanos, bem como sua dimensão material, deixando pouco espaço para o trabalho de conexão com o sagrado, provocando um corte entre a vivência da espiritualidade e o rito religioso. Assim, mesmo que, muitas vezes, se encontre presente nos compromissos cotidianos das pessoas, a religião, como bem colocou Jung, não passa de mera “confissão religiosa”, ou seja, uma crença e uma devoção aos rígidos dogmas de uma instituição; essa experiência pouco tem de *sagrado*. Dessa maneira, a religião se esvaziou de sentido, produzindo

²⁹ WEIL, 1997, p. 19.

³⁰ TABONE, 2002, p. 25.

³¹ SALDANHA, 2008, p. 91.

uma falta no ser humano, uma “carência” daquilo que é essencial para seu bem-estar e sua saúde psíquica.

Como visto, o objetivo, a missão da Psicologia Transpessoal é recuperar essa dimensão da transcendência, devolvendo o sagrado a seu lugar essencial na vivência humana. Ao auxiliar que cada indivíduo opere esse resgate em sua própria vida, o terapeuta contribui para que cada um se encontre no paradoxo típico do processo de individuação: ao mesmo tempo em que o indivíduo se encontra, se integra, torna-se *si mesmo*, assim também ele transcende a si mesmo, entrando em contato com as dimensões mais elevadas de seu próprio ser e, a partir do fluxo desobstruído da energia psíquica rumo à sua totalidade, vê sua vida preenchida de sentido, tornando-se uma pessoa mais sábia, altruísta, empática, humana.

Considerações finais

Carl G. Jung e Abraham H. Maslow são dois dos principais precursores da Abordagem Transpessoal em Psicologia. Suas contribuições partem, fundamentalmente, de uma visão positiva de ser humano, a partir da qual se compreende a constituição psíquica humana como um sistema que tende à harmonia e à saúde. Na visão de ambos, o ser humano é intrinsecamente saudável, e o que provoca a doença, o transtorno, a neurose, é o bloqueio que impede o livre fluir da energia psíquica, rumo à autorrealização. Fazer a energia psíquica fluir livremente é uma tarefa que tem como pressuposto a aceitação da dimensão da transcendência como algo constitutivo da psique do indivíduo. A negação da necessidade humana por transcendência é um dos bloqueios que levaria ao adoecimento psíquico. Assim, para a Psicologia Transpessoal, a busca pela saúde e pelo bem-estar passa pela realização da espiritualidade, enquanto vivência, uma vez que é através dela que se alcança a transcendência. Esta, por sua vez, está relacionada com a totalidade do indivíduo, sua completude, e a possibilidade de levar uma vida plena.

A experiência da espiritualidade, dessa maneira, leva o indivíduo a uma existência realizada e plena porque a preenche de sentido. Ela o conduz a um caminho paradoxal no qual, ao transcender a si mesmo, o indivíduo encontra a si mesmo e torna-se aquilo que é. Seguir o caminho da espiritualidade significa ir em direção a si mesmo, procurar o autoconhecimento, o que, por sua vez, quer dizer ir além de si, porque representa a superação das limitações do ego, da consciência ordinária. Para a Psicologia Transpessoal, essa busca da totalidade de si se realiza numa perspectiva espiritual e religiosa. O termo “religião”, nessa visão, ganha contornos mais amplos, significando não uma adesão a dogmas e submissão a uma instituição religiosa, mas sim uma experiência humana fundamental, em sua relação com o mundo que o cerca, a realidade cotidiana, cujos elementos podem ser vividos como sagrados e, portanto, plenos de sentido. A Psicologia Transpessoal, dessa maneira, contribui para que o indivíduo venha a realizar-se a si mesmo, atingindo virtudes consideradas as mais elevadas, como sabedoria, empatia e altruísmo.

Referências

- BERTOLUCCI, Eliana. *Psicologia do sagrado: psicoterapia transpessoal*. 3. ed. São Paulo: Ágora, 1991.
- CAZELLI, Felipe Ribeiro. IMAGO DEI: Deus como arquétipo do inconsciente coletivo em C. G. Jung. *Reflexus*, Vitória, ano XIV, n. 23, p. 131-152, 2020/1.
- FERGUSON, Marilyn. *A conspiração aquariana: transformações humanas e sociais no final do século XX*. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
- FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. 46. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung: o homem criativo*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.
- JUNG, Carl G. *Psicologia e religião*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *Tipos psicológicos*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. *Espiritualidade e transcendência*. Seleção e edição de Brigitte Dorst. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MASLOW, Abraham H. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1968a.
- _____. *Toward a psychology of being*. 2. ed. New York: D. Van Nostrand Company, 1968b.
- PALMER, Michael. *Freud e Jung sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 2001.
- SALDANHA, Vera. *Psicologia transpessoal: abordagem integrativa: um conhecimento emergente em psicologia da consciência*. Ijuí: Unijuí, 2008.
- SALDANHA, Vera; ACCIARI, Arlete S. *Abordagem integrativa transpessoal: psicologia e transdisciplinaridade*. São Paulo: Inserir, 2019.
- TABONE, Marcia. *A psicologia transpessoal: introdução à nova visão da consciência em psicologia e educação*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- WEIL, Pierre. *A consciência cósmica: introdução à psicologia transpessoal*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Submetido em: 11/08/2022

Aprovado em: 17/11/2023